

Referência: MARIHAMA, Diego Kenji de Almeida; CAMPOS, Maria Aparecida Santos. A indisciplina na sala de aula sob a perspectiva do aluno. In: Faces da Educação. Maria Aparecida Santos e Campos, Rosely Yavorski, Diego Kenji de Almeida Marihama (Orgs.). autores. – São Paulo:Na Raiz, 2021.

**DIEGO KENJI DE ALMEIDA MARIHAMA
MARIA APARECIDA SANTOS E CAMPOS**

4. A INDISCIPLINA NA SALA DE AULA SOB A PERSPECTIVA DO ALUNO

O professor em seu cotidiano passa por diversos desafios profissionais, sendo a indisciplina o que causa maior preocupação e questionamento por parte dos docentes pelas dificuldades que encontram em lidar com as variadas formas de expressão da inobediência dos alunos, que em sua maioria reflete a falta de limites ou a necessidade de exteriorizar suas faltas e necessidades.

Há décadas, a indisciplina vem sendo discutida nos espaços escolares, na academia; mencionada em atas de reuniões de pais e mestres, em pesquisas nas intervenções com os alunos. Portanto, trata-se de tema relevante, os quais refletem as preocupações dos professores em relação aos prejuízos ligados ao processo de ensino e aprendizagem, gerando conflitos e interferindo nas relações interpessoais entre professor e aluno, muitas vezes ultrapassando os muros das escolas.

Ao longo da história pode-se observar que a indisciplina vem adquirindo novos contextos e características, acompanhados de um cenário econômico, social e afetivo, que são reproduzidos no ambiente educacional.

Nos últimos anos a questão vem ganhando visibilidade, com discussões e reflexões levantadas em cursos de educação continuada para professores. A escola tem papel fundamental no

desenvolvimento dos alunos, e ao professor cabe às habilidades para trabalhar com toda a diversidade existente, inclusive a comportamental (UNESCO, 1998; DOS SANTOS, 2008). Considerando o projeto de vida dos alunos, competências socioafetivas e a referência de um professor inspirador.

No contexto, a indisciplina em sala de aula é influenciada por diversos fatores, os quais geram muitos transtornos, sendo um dos mais comuns o desprezo e o desafio ao professor de forma agressiva prejudicando todo o ambiente escolar e o processo de aprendizagem (SOUZA, 2014). O que é ressaltado por Oliveira (2005), que a indisciplina faz com que os objetivos não sejam alcançados no coletivo, destacando:

Além de a indisciplina causar danos ao professor e ao processo ensino e aprendizagem, o aluno também é prejudicado pelo seu próprio comportamento: ele não aproveitará que se nada dos conteúdos ministrados durante as aulas, pois o barulho, as movimentações impedem qualquer trabalho reprodutivo (OLIVEIRA, 2005, p. 21).

Encontramos no contexto educacional professores preocupados com a indisciplina, pois a mesma dificulta o desenvolvimento das aulas. No entanto, a organização por parte dos

educadores pode promover mudanças, que auxiliam no desenvolvimento da educação.

A reflexão construída neste texto além da sustentação teórica apresentada por meio do entendimento de teóricos a respeito da indisciplina tem uma importante contribuição de alunos de escolas públicas, estes pertencentes a diversos níveis escolares.

Conceitos e definições de indisciplina

A educação é indispensável para a formação dos indivíduos, e por meio dela adquirimos entendimentos para convivermos em sociedade, dentre estes conhecimentos está o da disciplina, o qual apresenta vários significados (BANALETTI, DAMETTO, 2015, p. 2).

O filósofo Foucault (2002) conceitua disciplina como:

A definição de indisciplina está muito ligada ao conceito de disciplina, assim pode-se dizer, que, a segunda define-se como o comportamento adequado e a obediência às normas estabelecidas pela escola ou pelo professor já que estamos tratando do tema dentro do contexto de educação. Por outro lado, a primeira é caracterizada pela desobediência e comportamentos considerados como inadequados (FOUCAULT, 2002, p 105 apud ARANTES, s/d, p.127).

A indisciplina pode ser vista, ainda, como a necessidade de limites, e o desrespeito aos direitos dos outros, além da

incompreensão das regras de convivência e atitudes que possam prejudicar os relacionamentos (ARANTES, s/d, p. 128).

De acordo com seu conceito, a indisciplina pode assumir diversas conotações tais como: punição, dor, direção moral, regras de conduta. Nas escolas, regras são utilizadas na tentativa de melhorar a relação professor-aluno propiciando um ambiente mais favorável para a aprendizagem (JESUS, MAIA, 2010, p. s/n).

Para Aquino (1998, p. 10), a compreensão da indisciplina se dá a partir do conceito que temos de disciplina, os quais se referem as regras e normas estabelecidas, e que podem tomar direções diferentes dependendo do entendimento de cada um, assim:

[...] comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá ser traduzida de duas formas; 1) a revolta contra essas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações.

Desta forma podemos dizer que a disciplina/indisciplina não é um conceito universal e estático, eles estão relacionados com o conjunto de valores de cada época, que variam ao longo da história da humanidade, e entre as diferentes culturas (BENETTE, COSTA, 2008).

Portanto, Alves (2002, p. 155), define:

[...] a indisciplina, que é complexa por essência, influi e é influenciada pelas partes e aspectos que definem e a constituem, sendo assim, é urgente repensá-la a partir de uma visão de totalidade, que a torne envolvida com as partes e os recortes, mas sempre se considerando as partes e um todo uno, múltiplo e complexo, ao mesmo tempo, bem como a rede de relações existentes em uma sala de aula.

A relação da disciplina/indisciplina estudada por vários autores se confirma considerando as diversas relações existentes entre os indivíduos que compõem os ambientes.

Há algum tempo atrás a indisciplina era um problema dos meninos, e envolviam as séries finais do ensino fundamental, atualmente ouvem-se reclamações em relação às meninas, que também estão se envolvendo em conflitos, e surgiram queixas nas séries iniciais do ensino fundamental (DOIRADO, PENITENTE, s/d).

Nessa perspectiva surgem então algumas indagações: Que fatores contribuem para a indisciplina em sala de aula? Como os alunos veem esta realidade?

Este artigo tem como objetivo discutir a concepção que o aluno tem sobre as aulas levando a compreensão dos conceitos,

características e fatores que envolvem o comportamento de indisciplina identificando as práticas docentes sobre o tema.

A visão da instituição escolar e do professor

A inserção do tema disciplina/indisciplina na escola se deu por meio das reformas educacionais e da organização dos alunos para possibilitar o ensino em massa. As mudanças inseridas como novas formas de ensinar interferiram no comportamento dos alunos e da comunidade escolar como um todo.

Em sala de aula os espaços eram individualizados, enquanto os objetivos a serem alcançados se tornaram padronizados e coletivos visando o controle do resultado final. A instituição escolar busca controlar as ações produtivas dos alunos e até mesmo seus gestos corporais por meio do disciplinamento. Desta forma foi dada à escola o poder de transformar, modelar os indivíduos a fim de aprimorar suas capacidades, conforme as necessidades e regras da sociedade (BANALETTI, DAMETTO, 2015; BENETTE, COSTA, 2008).

Porém, nem todos os indivíduos estão dispostos à passividade, e a obedecer e atender aos preceitos da classe dominante, sendo assim alguns demonstram resistência às práticas pedagógicas, o comportamento de resistência mais evidente neste

contexto é a chamada rebeldia, ações que burlam as atitudes disciplinadoras (BANALETI, DAMETTO, 2015; BENETTE, COSTA, 2008).

Por outro lado, a indisciplina, é compreendida como uma atitude contrária à obediência, “como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência e desacato, traduzido na falta de educação ou de respeito pelas autoridades, na bagunça ou agitação motora” (REGO, 1996, p. 85 apud BASSO, 2010).

Assim, estes fatores são normais no processo formativo e nas relações professor e aluno, considerando, que ao longo do tempo, estes comportamentos vão sendo transformados em parcerias e produções, ressaltando o protagonismo do aluno e a mediação do professor, a partir das inspirações.

Garcia (1999, p. 104) afirma que a indisciplina está reunida em dois grandes grupos com causas internas, o que se refere às condições particulares e individuais de cada um e as causas externas relacionadas à escola, assim:

(...) um deles relacionados ao que denomina causas internas, e outro associado às causas externas a escola. Entre as causas internas podem ser destacadas: as condições materiais nas quais ocorrem o processo ensino e aprendizagem, os

relacionamentos interpessoais, o ambiente escolar, o perfil do aluno e a relação professor-aluno. Entre as causas denominadas externas poderíamos considerar os seguintes aspectos: ambiente familiar, violência social e a influência exercida pelos meios de comunicação. As diferentes causas, relacionadas nos dois grupos, interagem de tal forma que seria reducionismo tentar pensar a indisciplina escolar a partir de uma única causa ou agente.

Segundo La Taille (1996), o primeiro motivo que leva à indisciplina seria a desordem, a revolta do indivíduo contra as regras, os distúrbios de atenção, às contradições referentes às carências, à formação continuada dos professores, à família e à diversidade que se faz presente no olhar contemporâneo.

Segundo Garcia (1999, p. 102): “[...] o conceito de indisciplina apenas como “problema de comportamento” precisa ser superado e assim devemos considerar outras dimensões além da comportamental, para englobar os diversos aspectos psicossociais envolvidos neste fenômeno”.

Um desses fenômenos citados por Garcia (1999) foi retratado por Reis *et al.* (2006), como sendo a família a base da aprendizagem, e esta influencia diretamente a sala de aula. Mas, quando se perde os vínculos, muitas vezes, a escola se torna a única referência para o

aluno e os professores padecem dessa carga de rejeição que leva à indisciplina, ao desinteresse e à insatisfação.

Neste contexto, a escola, com seus professores, precisa de transformação pessoal e coletiva, para viabilizar novas formas de convivência no ambiente escolar transformando a escola em um lugar agradável e estimulante diante de tantas opções oferecidas pelo mundo exterior. O que ressalta Moran (2017, p.63), quando considera a transformações:

A educação de qualidade, além de ensinar a pensar, pode ensinar a viver. Em muitos casos, a escola não está conseguindo ajudar a pensar e autonomamente; muito menos a preparar pessoas criativas, empreendedoras e livres. Ela precisa mudar para encantar e abrir os horizontes de crianças e jovens, a fim de que evoluam sempre, transformem suas vidas e a sociedade em que vivem. Trata-se de um trabalho complexo, demorado em um país imenso. É urgente mudar nosso modelo de ensino, muito focado em conteúdos prontos, separados, memorizados, e centrar-nos mais no projeto de vida dos alunos, em seu desenvolvimento cognitivo e socioemocional, na vivência de valores importantes: saber conviver com as diferenças, aprender sozinhos e em grupos, e mostrar com projetos, pesquisas e atividades o quanto estão conseguindo aprender em cada momento.

Neste sentido, o professor juntamente com seus pares, ainda é o protagonista das transformações ocorridas no interior da instituição de ensino (BENETTI, COSTA, 2008).

Portanto, a indisciplina é vista pelos participantes da escola (professores, corpo técnico...), como uma atitude de desrespeito, de intolerância aos acordos firmados e que pautam as condutas dos indivíduos dentro do ambiente escolar, assim é visto como aquele que não tem limites, e não consegue dialogar e conviver de forma cooperativa com os outros (PIROLA, 2009).

Mas sabemos que a escola não consegue suprir todas as necessidades dos alunos, assim, os professores lutam com dificuldades para desenvolver suas práticas pedagógicas, já que convive com contradições. Por outro lado, há possibilidades de intervenção, dentro da escola, as quais podem melhorar os conflitos disciplinares existentes e melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem, uma destas formas está no estabelecimento de relação professor-aluno, como base para o enfrentamento das questões de disciplina/indisciplina (BENETTI, COSTA, 2008).

A visão do aluno

Com relação aos alunos, a indisciplina é um fator determinante para a desarmonia da sala de aula e impede o bom andamento do processo de ensino e aprendizagem. Ela provoca a interrupção das aulas, impede a explicação do professor, compromete a realização das atividades propostas no tempo determinado e afeta diretamente o bom humor do docente devido à falta de consideração e cumprimento do dever. Normalmente os problemas de indisciplina estão voltados ao comportamento e a oscilação dos humores na sala de aula.

Por outro lado, os alunos resistem aos valores que se opõem aos seus e confrontam a cultura escolar que, muitas vezes, é rígida, complexa e estática. Assim, volta-se para brincadeiras, conversas paralelas, apresentando uma postura desmotivada e com respostas ríspidas ao professor. No entanto, é preciso entender que, não são todos os dias que o aluno está disposto a aprender, nestes dias trazem para a sala de aula outros interesses e acabam que muitos docentes não sabem lidar com tais situações e acabam sendo contrariados, surgindo assim conflitos entre as partes.

Segundo Póvoa e Sudbrack (2004), indisciplina pode ser uma característica do aluno para manifestar que algo precisa ser

modificado, é um sintoma de que alguma coisa na esfera pessoal, familiar, escolar ou comunitária precisa ser superada. Em conformidade, Freitas (1998), afirma que a indisciplina pode ser entendida como uma maneira do aluno se revelar ao mundo, mostrar sua existência e ser ouvido por alguém.

Nesse sentido, a indisciplina é um comportamento que se manifesta além do descumprimento de regras, ela revela informações sobre a relação entre: escola, alunos, família, sociedade e os próprios conteúdos que são ministrados em sala de aula.

Um exemplo é a escola que adota regras de comportamentos estabelecidos, em que o aluno entra para a sala de aula: de uniforme, em horários determinados para assistir aulas, participar dos intervalos, realizar atividades, tudo pré-estabelecido pelo professor e pela escola, sem levar em consideração o desejo do aluno, que muitas vezes já vive conflitos maiores com a família e a sociedade em relação à afetividade, à intolerância, ao desrespeito às regras de convivência e conduta.

Parrat-Dayán (2011, p. 27) apresenta três categorias referentes à indisciplina:

O primeiro tipo de indisciplina caracteriza-se pela intenção de escapar do trabalho escolar

considerado fastidioso, pífio, desinteressante ou mesmo difícil. Evitar o trabalho escolar é para o aluno, a razão da indisciplina. A segunda forma de indisciplina tem como objetivo a obstrução. A indisciplina tende a impedir parcial ou totalmente o normal desenvolvimento do curso dado pelo professor. Finalmente, a terceira modalidade da indisciplina é um protesto contra as regras e as formas de trabalho.

Conseqüentemente, a indisciplina é uma dialética do convívio: das relações e dos conflitos nos grupos, dos valores familiares, das intensas turbulências pelas quais passa a sociedade, a escola, as práticas dos professores e sua postura frente aos alunos.

Em sala durante as aulas, os alunos discutem temas propostos pelo professor, fazem atividades, tiram dúvidas, aprendem a valorizar as pessoas e praticam princípios para a boa convivência, mas também, conversam muito durante as aulas chegando até mesmo, em alguns momentos, contestam com agressividade aos professores.

Boarini (1998), destaca que a indisciplina precisa ser discutida a partir da leitura do reflexo da sociedade atual, que se perdeu ao longo dos tempos naquilo que considera ser essencial para o coletivo, como: respeito, dignidade, moral e ética. Ainda, segundo o mesmo autor, a falta de motivação para as aulas gera angústia nos alunos em

querer ficar longe da sala de aula, priorizando outros espaços como o pátio, a quadra, o laboratório de informática entre outros.

Por outro lado, a indisciplina é fator determinante para a aprendizagem. O tempo exaustivo em sala, com aulas cansativas e com muitas aplicações de atividades sem significado para os alunos, promove conversas paralelas, irritabilidade, falta de respeito; levando o professor a fazer intervenções, o que atrapalha o bom andamento dos trabalhos, gerando sentimentos negativos em relação aos comportamentos apresentados. Segundo Amado (2001), a percepção dos alunos, quanto à indisciplina demonstra uma fragilidade da prática docente, que pode ser derivada da organização das aulas, do processo de ensino e aprendizagem, do currículo e da transferência cultural - muitas vezes os alunos resistem a regulamentos, contratos, ordens e valores que se opõem aos seus e aos do seu grupo.

Portanto, a indisciplina pode ser gerada por diferentes condições: no meio social, a partir da exclusão pela sociedade; na família, com sequelas psicológicas e emocionais. Há ainda a possibilidade de a indisciplina ser produzida pelo professor – utilizando-se de autoritarismo e causando transtornos por conta do poder exercido nos domínios intelectuais e morais. Segundo Luna (apud SILVA, 2009, p. 2):

(...) o professor com autoridade é aquele que deixa transparecer as razões pelas quais a exerce: não por prazer, não por capricho, nem mesmo por interesse pessoal, mas por um compromisso genuíno com o processo pedagógico, ou seja, com a construção de sujeitos que, conhecendo a realidade, disponha-se a modificá-la em consequência com um sujeito.

Dessa forma, o professor tem o compromisso pedagógico de formar cidadãos críticos, autônomos e conscientes do seu papel na sociedade, o que justifica a sua atitude rigorosa e ao mesmo tempo afetuosa. Embora, segundo Reis et al. (2006), esta profissão seja altamente extenuante, o que se reflete no desempenho em sala de aula, na saúde física e psíquica, gerando irritação com a situação em que se encontra. É uma função que demanda paciência e muito cuidado, pois lida com diferentes idades e graus de maturidade.

Quanto à família, sem generalizar, esta transfere para a escola, toda e qualquer responsabilidade em relação à educação de seus filhos, desde os hábitos básicos, como: respeito, responsabilidade com os estudos, tarefas de casa, gentileza, limites, crenças e valores fundamentais para uma boa convivência.

Nessa perspectiva, quando a família e a escola comungam dos mesmos valores, o processo de ensino e aprendizagem torna-se eficaz. Interesse pelos estudos, atenção às aulas e pertencimento à

escola passam a fazer parte do cotidiano do estudante, tornando-o um ambiente de compreensão, diálogo, amor e socialização familiar.

Importante ressaltar que os alunos que participaram do questionário afirmaram que gostam de aprender tem curiosidade, mas se sentem desestimulados quando os conteúdos são impostos a eles, ficando, na maioria das vezes, cansativos e repetitivos. Nesse sentido, as escolas precisam estar atentas às práticas docentes, respeitando o ritmo, o tempo e as experiências de cada aluno. A motivação para a aprendizagem deve se dar por meio de conteúdos significativos, de forma a desenvolver nos alunos a capacidade de pensarem por si próprios.

Outro fator relevante que pode acontecer na sala de aula é a indisciplina passiva, aquela em que o aluno está presente e calado, totalmente alienado, aguardando a longa e interminável hora de aula, meramente expositiva, que não desperta a atenção e a curiosidade do aluno, que apenas mantém a turma em silêncio.

Por outro lado, encontramos alunos reais, arraigados nos seus contextos e que muitas vezes não se acomodam à ideia que os outros fazem deles, já que não são objetos planos, mas multifacetados como todo ser humano (ARROYO, 2004). Ou melhor, a indisciplina é a maneira pela qual alguns alunos expressam sua insatisfação com

alguma situação, é o momento em que conseguem exteriorizar suas falas, na ansiedade de serem ouvidos pelo professor.

Diante do exposto, a indisciplina seria “um dos sintomas de injunção de uma escola idealizada e gerida para um determinado tipo de clientela e ocupada por outros” (AQUINO, 2000, p. 88). Isso quer dizer que a escola tem uma expectativa de um aluno ideal: que é aplicado, estudioso, obediente, criativo, inventivo, que trabalha em equipe e que faz relações (MARTÍNEZ, 2000).

Considerações finais

As experiências dos seres humanos são adquiridas no contato com outros, as relações contribuem para o amadurecimento dos conhecimentos, inclusive a compreensão social como é o caso da disciplina/indisciplina, desta forma podemos dizer que as características dos indivíduos vão se formando ao longo de sua história e por meio das interações que faz com o meio ambiente.

Portanto, podemos entender a indisciplina como algo que envolve as diferentes relações que o indivíduo tem com o social e cultural, e que traz para o ambiente escolar e suas relações. Pensando na desobediência escolar temos que reconhecer que todo aluno possui

crenças, valores, os quais devem ser respeitados para que não aconteçam conflitos gerando mal-estar e desordem.

A indisciplina sendo resultado de múltiplos fatores precisa ser trabalhada utilizando estratégias específicas para cada causa e consequência. Desta forma, o comportamento de insubordinação dos alunos pode ser modificado de acordo com as necessidades apresentadas por cada discente e efetivado por meio das condutas tomadas pelo professor. Assim, a indisciplina pode ser percebida a partir de diferentes olhares. Na visão do aluno, a insubordinação está relacionada às práticas docentes, ou seja, a forma de organizar as aulas, o currículo extenso, no contexto geral a fragilidade do professor em lidar com as diferenças são as principais causas da desordem em sala de aula.

Para Moran (2013, p.02), a educação precisa ser transformada pelos gestores, professores e alunos: “em Educação temos que pensar grande, não nos contentar com o mínimo, evoluir sempre, construir ambientes, currículos, atividades surpreendentes, processos desafiadores”.

O mesmo autor (2013, p.02), considera que a sociedade necessita oferecer melhores condições e oportunidades:

(...) principalmente aos mais carentes - para que todos possam crescer, evoluir, ser úteis, realizar-se. Se melhoramos a formação de crianças e jovens, se eles desenvolvem as competências básicas e a motivação para aprender, eles poderão seguir evoluindo através das muitas oportunidades que a sociedade oferece de aprendizagem informal, formal, presencial, online, em rede, em comunidades diferentes. Crianças e jovens precisam encontrar em nós adultos pessoas que gostam de aprender e que vivem - no meio de contradições e incertezas - vidas interessantes e inspiradoras.

Assim, o olhar dos alunos é importante para entender como eles se sentem em relação à didática aplicada e ao seu protagonismo diante do conhecimento. O tempo que o discente permanece em sala de aula influencia em sua atenção, e assim cansado das aulas e atividades desestimulantes procura atividades paralelas. Consequentemente, a indisciplina torna-se um conceito complexo no processo de ensino e aprendizagem, na relação professor x aluno, aluno x aluno e no contexto familiar que se insere desde a educação informal dos valores éticos e humanitários, dos laços de solidariedade e afetividade e das marcas que se constroem ao longo das gerações. Marcas que se revelam pelas conquistas, expectativas de vida, preocupações, trocas de experiências, pela visão de mundo, pelos temores, conhecimentos, e pelas relações entre pais e filhos na

construção de uma educação repleta de valores para a vivência do mundo.

Destarte, a educação tem o papel de formar cidadãos críticos, por meio do desenvolvimento intelectual e moral, fortalecendo assim os valores éticos. Cabem a ela dar a crianças e jovens condições físicas, psíquicas e culturais necessárias para uma vida pessoal digna e saudável.

Mesmo em tempos de crises e incertezas, onde a sociedade e a educação passam por mudanças e transformações, porque não cuidar do professor, fazer vínculos com eles e contribuir com sua formação e transformação pessoal/profissional, uma vez que, muitos se sentem só frente aos desafios da sala de aula (MARIHAMA, 2021, p. 08).

Referências

ALVES, C.M.S.D. (In)Disciplina na escola: cenas da complexidade de um cotidiano escolar. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP. 2002.

AMADO, J. da S. Interação pedagógica e indisciplina na aula. Porto: Asa. 2001.

AQUINO, J. G. Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos. São Paulo: Summus, 2000.

- AQUINO, J.G.A. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 24, n. 2. São Paulo. 1998.
- ARANTES, A.R.V. Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na sala de aula: uma análise da realidade. **De Magistro de Filosofia**, Ano VIII, n. 15.
- ARROYO, M.G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, RJ: Vozes. 2004.
- BANALETTI, S.M.M., DAMETTO, J. Indisciplina no contexto escolar: causas, conseqüências e perspectivas de intervenção. **REI – Revista de Educação do Ideau**, v. 10, n. 22, jul./dez. 2015.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA. 2009.
- BENETTE, T.S., COSTA, L.P. da **Indisciplina na sala de aula: algumas reflexões**. UEM – Universidade Estadual de Maringá. 2008.
- BOARINI, M. L. **Indisciplina escolar**: A queixa da atualidade. *Apontamentos*, n. 69: 03-18. 1998.
- CARVALHO, J. F. Os sentidos da (in) disciplina: regras e métodos como práticas sociais. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas práticas. São Paulo: Summus. 1996.
- DOS SANTOS, I.A. Diversidade na educação: uma prática a ser construída na Educação Básica. Produção Didático-pedagógica – **Caderno temático** (Programa de desenvolvimento educacional do Estado do Paraná – PDE). Cornélio Procópio-Pr. 2008.

- FAZENDA, I.C.A. **Didática e interdisciplinaridade**. 6. ed. Campinas: Papirus. 2001.
- FERREIRA, L. **A Indisciplina escolar e o ato infracional**. Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de São Paulo. Home Page: www.pjpp.sp.gov.br. Acesso em: 24/08/2017.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 17 ed. Rio de Janeiro: Graal. 2002.
- FREITAS, L. **A produção de ignorância na escola**. São Paulo: Cortez. 1998.
- GARCIA, J. Indisciplina na escola. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n.95, p. 101-108, jan./abr. 1999.
- HILLMAN, JAMES. A função sentimento. In: VON FRANZ, M.-L.; HILLMAN, J. **A tipologia de Jung**. São Paulo: Cultrix. 1990.
- JESUS, G. de., MAIA, G.Z.A. Indisciplina escolar: Reflexões. **RIC-FFC** (Revista de Iniciação Científica da FFC), v. 10, n. 1, 2010.
- LA TAILLE, Y. DE. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J.G. (Org.). **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus. 1996.
- MARIHAMA, D.K.A. Prefácio. In: MARIHAMA, D.K.A; ANDRADE, C.R.S.; ANDRADE, G.K.M.; BATTISTELLO, V.C.M. **Interfaces da Educação: perspectivas de dimensões teórico-práticas**. São Paulo: Na Raiz, 2021.
- MARTÍNEZ, S.A. A cultura jovem na ótica dos (as) professores (as) de uma escola de ensino médio. In: CANDAU, V.M. **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2000.

- MIRAS, M. Afetos, emoções, atribuições e expectativas: o sentido da aprendizagem escolar. In: COLL, C., PALÁCIOS, J., MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar**. Tradução: Marcos A G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, vol. 2. 2004.
- MORAN, J. Como transformar nossas escolas Novas formas de ensinar a alunos sempre conectados (2017). Disponível: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/08/transformar_escolas.pdf > acessado em 26 de março de 2021.
- MORAN, J. Pensar grande na educação (2013). Disponível: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/grande.pdf> > acessado em 26 de março de 2021.
- OLIVEIRA, M.I. de. **Indisciplina escolar: determinantes, consequências e ações**. Brasília: Líber Livro. 2005.
- PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. 2. Ed. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. São Paulo: Contexto. 2011.
- PASSOS, L. F. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 8. ed. São Paulo: Summus. 1996.
- PIROLA, S.M.F. **As marcas da indisciplina na escola: caminhos descaminhos das práticas pedagógicas**. 155f. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba-SP. 2009.

- PÓVOA, M. L. S.; SUDBRACK, M.F.O. **Resgatando a autoridade na família e na escola.** Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas. 2004. Disponível em: http://50anosbsb.unb.br/SENAD/aula_12.pdf. Acesso em: 24/08/2017.
- REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** 11. ed. São Paulo: Summus. 1996.
- REIS, E., ARAÚJO, T. & CARVALHO, F. O. Docência e exaustão emocional. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 229-253, jan./abr. 2006.
- SILVA, L.C. **Disciplina e indisciplina na aula: uma perspectiva sociológica.** 284 f. Tese (Doutorado em Educação): Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação, Belo Horizonte. 2009.
- SOUZA, V. DA S. **Indisciplina na sala de aula das séries iniciais do ensino fundamental.** Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira-PR. 2014.
- UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para todos:** satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien. 1990-1998.
- VASCONCELLOS, C. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** 13. ed. São Paulo: Libertad. 2000.
- XAVIER, M.L. (Org.). **Disciplina na Escola – Enfrentamentos e reflexões.** Editora Mediação. Porto Alegre. 2002.